

Robert Vannoy , Deuteronômio , Palestra 5B

© 2011, Dr. Robert Vannoy, Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

Tratado do Grande Rei de Kline e Respostas

3. Tratado do Grande Rei de Kline – Deuteronômio como Documento de Renovação da Aliança

Agora teremos que examinar a tese de Kline. Tentarei chegar à essência disso sem me prender muito aos detalhes. Você lerá o Tratado do Grande Rei, que apresenta isso. O que estou fazendo aqui é basicamente o que você lerá, mas talvez destacando alguns dos pontos centrais. Em primeiro lugar, a tese de Kline é que o Deuteronômio é um documento de renovação da aliança que, em sua estrutura total, exhibe a forma jurídica clássica do tratado de suserania da era mosaica. Agora, a maioria de vocês sabe que o “tratado de suserania” é conhecido como um dos tratados internacionais descobertos desde os tempos antigos. Basicamente existem dois tipos: o tratado de paridade, um acordo entre partes iguais; e o tratado de suserania, onde você tem um grande rei, ou suserano, e um estado subordinado ou vassalo. O tratado de suserania é onde você tem o grande rei do império hitita, que está principalmente estabelecendo um relacionamento de tratado com cidades-estados menores subordinadas. A estrutura desses documentos do tratado é muito semelhante à estrutura do Deuteronômio. Então Kline diz que o livro de Deuteronômio é um documento de renovação da aliança. Deuteronômio é um documento de renovação da aliança estruturado de acordo com a estrutura jurídica dos tratados de suserania da era mosaica. Agora, felizmente, os tratados hititas datam de cerca de 1.400 a 1.200 aC e aqueles que conhecem da classe do Antigo Testamento sabem que isso reflete os parâmetros dentro da era mosaica, dependendo se você data o Êxodo mais cedo ou mais tarde.

4. Esboço do Deuteronômio de Kline

Número 2 na abordagem básica de Kline : “ Seu Esboço do Livro”. Há um esboço detalhado, mas basicamente você tem um preâmbulo 1:1-5; segundo, o prólogo

histórico 1.6-4.29; estipulações nos capítulos 5-26; maldições e bênçãos e ratificação da aliança nos capítulos 27-30; arranjo sucessório dos termos de lealdade nos capítulos 31-34. As partes do tratado são: preâmbulo, prólogo histórico, estipulações, maldições e bênçãos, ratificação da aliança e arranjo e confirmação de sucessão.

Agora, talvez devêssemos, para obter a conexão com o formulário do tratado, passar pela estrutura do formulário padronizado: primeiro está o preâmbulo, ou título. A primeira seção apresenta quem está redigindo o tratado: o grande rei. Em segundo lugar, está o prólogo histórico. Terceiro, estão as estipulações. Estas são divididas em duas categorias – estipulações básicas e detalhadas – e isso é importante. No tratado você geralmente obtém algum tipo de declaração geral que resume as obrigações do vassalo para com o suserano em termos gerais amplos, apresentando a essência das estipulações. Então você obtém as estipulações detalhadas que são disposições detalhadas relativas às responsabilidades dos vassalos. Em alguns tratados existem outros elementos, como a disposição para o depósito de uma cópia do documento no santuário do grande rei, bem como no do vassalo, e a disposição para leitura periódica. Estes elementos do documento do tratado são evidentes e o paralelo com o Deuteronômio é claro.

a. Deuteronômio como Libreto da Cerimônia da Aliança

Primeiro, no que diz respeito à tese de Kline, Kline diz que “tomar Deuteronômio como um documento de renovação da aliança não é incompatível com a representação do próprio livro de uma série de discursos de Moisés ao povo nas planícies de Moabe”. Kline diz na página 29 do Tratado do Grande Rei: “Analisar Deuteronômio em termos de um padrão documental não é incompatível com os fatos óbvios de que o livro em sua própria representação consiste quase inteiramente como uma série de discursos. O tipo específico de documento em questão seria proclamado oralmente ao vassalo na cerimônia da aliança.” Assim, ele toma Deuteronômio como o libreto da cerimônia da aliança, às vezes incluindo a resposta do vassalo, bem como as declarações do suserano. Em outras palavras, aqui temos uma cerimônia, uma renovação de aliança, e Deuteronômio registra o que aconteceu ali. Você tem o endereço de Moisés ao povo e a

resposta dos vassallos. Então ele diz: “Quando, portanto, identificamos Deuteronomio como um texto de tratado, também o reconhecemos como as palavras cerimoniais de Moisés. É o libreto da cerimônia da aliança, como dissemos.”

Obviamente você encontra no livro de Deuteronomio uma série de endereços. Isto não é incompatível com encontrar a estrutura do livro e o que está acontecendo é uma renovação da aliança nesta ocasião. Então você tem uma cerimônia envolvida aqui. Temos o texto dela, as palavras que foram ditas e incorporadas no livro de Deuteronomio.

b. Documento por trás de Deuteronomio?

Pergunta do aluno: Então Kline sentiria que havia outro documento por trás do Deuteronomio?

Vannoy: O outro documento por trás do Deuteronomio é o que viria do Sinai quando a aliança foi inicialmente estabelecida no Sinai. No Sinai, no que diz respeito ao documento, você obtém principalmente os Dez Mandamentos e a lei. O padrão em Êxodo não é tão fácil de ver, mas quando tomamos Êxodo 19 e 24, temos uma cerimônia de ratificação e estabelecimento da aliança no Sinai, na qual quase todos estes elementos do tratado estão presentes. Então você pode encontrar esses elementos no estabelecimento lá no Sinai, mas fica muito mais claro na estrutura em Deuteronomio e na renovação do relacionamento que já havia sido estabelecido. Em tudo isso você não tem nenhuma cópia servil de algum tratado hitita de Moisés, mas você tem um padrão, ou uma forma, que era familiar às pessoas do mundo daquela época. E parece que quando Deus falou com Moisés e estruturou seu relacionamento com seu povo e entrou em uma aliança com seu povo, isso foi feito primeiro em um padrão que era familiar ao que acontecia no estabelecimento de relacionamentos - em uma esfera política - entre um grande rei e o vassallo que, é claro, estava em um nível e conteúdo diferente, mas esses elementos formais que você encontra estão refletidos no material da aliança. Então você tem que permitir grande latitude e diferença.

Eu não acho que o procedimento seja tanto começar com o tratado hitita e tentar forçar o padrão. Eu acho que é muito mais significativo começar com o material bíblico e você logo ficará ciente de que nas seções da aliança do Antigo Testamento, você encontre esses elementos constantemente usados: preâmbulo, prólogo histórico, maldições e bênçãos, estipulações, etc. Você tem o que eu chamaria de uma “forma de aliança” dentro do Antigo Testamento que é discernível e você pode delineá-la mesmo que você já soubesse sobre a aliança forma ou não. Mas acho que ter esse documento em formato de aliança leva você a fazer as seguintes perguntas: Qual é a origem disso? De onde veio? Qual é o seu histórico? Torna-se útil, mas mais nessa direção do que na tentativa de forçar a forma em Deuteronômio.

c. Oral ou Escrito

Pergunta do aluno: Foi dado oralmente e depois escrito?

Vannoy: Bem, provavelmente o grande rei redigiria um tratado e enviaria seus representantes para lê-lo diante das pessoas que ele incluía no tratado. Então você teria tanto oral quanto escrito. Agora, com Moisés, acho que você poderia dizer no Sinai, é claro, que ele leu todas essas leis para o povo, mas também foi escrito. Então você tem o oral e o escrito. Quando se trata de Deuteronômio e da renovação da aliança, há certas modificações e atualizações. Você está em uma situação nova: eles passaram pelo deserto e vão entrar na terra de Canaã. Moisés vai morrer e há uma transição de liderança envolvida e o foco final está na transição de liderança. Na verdade, o ponto focal é a cerimônia de renovação da aliança nas planícies de Moabe. Moisés, por assim dizer, era o representante do grande rei perante o povo, e Moisés agora irá desaparecer. A sucessão envolve-se, e quando a sucessão estava envolvida na relação do tratado na esfera política, frequentemente era evidente que se actualizava e renovava o acordo do tratado numa cerimônia para garantir que, juntamente com a transição na liderança, houvesse também uma transição no relação. Então essa sucessão se torna um elemento importante e você obtém o tratado e o atualiza nesse ponto.

5. Antecedentes Cerimoniais de Culto: Von Rad e Kline

Número 5: apenas uma breve nota neste ponto; discutiremos isso com mais detalhes posteriormente também. Kline diz que Deuteronômio é um documento de renovação da aliança, e isso não é incompatível com a representação do próprio livro de uma série de discursos de Moisés. Falamos então de Deuteronômio como as palavras cerimoniais de Moisés. Existe uma semelhança formal entre a abordagem de Kline e a abordagem de von Rad. Uma semelhança formal: Em outras palavras, von Rad também diz que há um pano de fundo cerimonial na estrutura do Deuteronômio; e se você se lembra, discutimos isso e voltaremos a isso. Von Rad vê a estrutura de Deuteronômio, mas qual é a razão disso? Há um pano de fundo cerimonial e de culto nisso. O livro é um reflexo de algum tipo de cerimônia de culto. Bem, Kline está, em certo sentido, dizendo a mesma coisa. Você tem a renovação da aliança nas planícies de Moabe. A estrutura dos discursos e o fluxo de pensamento, e assim por diante, daquela cerimônia de renovação da aliança é refletida na estrutura do livro de Deuteronômio, e isso por sua vez reflete esta estrutura do tratado. Portanto, há uma semelhança no argumento de von Rad e Kline; no entanto, há uma diferença importante. Von Rad não honra a integridade do livro porque von Rad propõe hipoteticamente que a estrutura do livro resulta de algum tipo de cerimônia periódica de renovação da aliança realizada em Siquém, no Reino do Norte, e assim o data mais tarde. Ele não encontra nenhuma base para a autoria mosaica nesta estrutura.

Agora lembre-se, ainda estou falando sobre von Rad em 1938. Von Rad viu a estrutura antes que alguém soubesse alguma coisa sobre os tratados hititas e a relação entre a estrutura do tratado e o Deuteronômio. Von Rad viu estrutura no livro e atribuiu-a ao contexto cerimonial de culto do livro. Ele então hipoteticamente propôs um festival de renovação da aliança que ele propôs que fosse realizado periodicamente em Siquém, e o livro se relaciona com isso – não é mosaico. Agora, é claro, nos últimos anos von Rad relacionou as suas ideias anteriores com o novo material sobre o tratado hitita que ainda não discutimos.

O artigo de Mendenhall começou tudo isso em 1954, mas von Rad escreveu em 1938, portanto anos antes. O artigo de Mendenhall iniciou toda uma área de estudo. Demorou dez anos depois de 1954 até que realmente começasse. O trabalho de Kline foi publicado no início de 1963. Kline estava praticamente presente no início desta discussão em 1963 e continua até hoje. Há um período de vinte anos desde o artigo inicial de Mendenhall, mas ele ainda não foi totalmente desenvolvido.

O trabalho de Kline geralmente é dispensado. Mas quero discutir isso também, porque há vários homens que analisam os dados e chegam a conclusões diferentes, e veremos como fazem isso. Existem algumas moscas na pomada. Acho que Kline está no caminho certo. Penso que as implicações disso são tão importantes para essas pessoas educadas neste pensamento crítico que elas não conseguem aceitá-lo. Portanto, há uma forte relação entre os documentos e uma forma de entender isso. Você nunca pode falar em termos de prova ou algo assim. Você pode apenas argumentar. Mas acho que é possível criar um modelo que sugira uma forma de desenvolvimento e compará-lo com outros modelos. Em suma, você pode comparar a tese de Kline com outros modelos. Em última análise, a integridade do livro é baseada no próprio livro como Escritura, e você tem que pesar todas essas coisas. Mas penso que esta linha de argumentação é uma linha de argumentação vigorosa, que apoia a integridade do Deuteronômio, ligando-o a Moisés.

Veja, pode ocorrer uma mudança, mas atualmente vale tudo na Europa. Existe um mundo totalmente diferente de pensamento por aí. Qualquer coisa que seja escrita na Inglaterra ou na América, particularmente na América, é quase desqualificada desde o início. Se algum americano escrevesse isso, dificilmente iria ler. É claro que isso dificilmente é objetivo, mas é significativo. Pode haver algum orgulho nacional alemão nessa rejeição que também pode estar envolvido nisso. Mas é isso que você está enfrentando.

Kline faz um comentário interessante com base na analogia entre o tratado de suserania dos hititas e o livro de Deuteronômio. Chegamos ao ponto 5. O quinto é: “Há uma certa semelhança formal entre a ideia de Kline e a de von Rad, na medida em que

von Rad falou da unidade e estrutura do livro, e os elementos que compõem a estrutura do livro são aproximadamente o mesmo que o de Kline. Mas von Rad levanta a hipótese de algum tipo de ambiente de culto como a origem da forma. Kline proporia que a origem da forma vem da aliança mosaica e da era mosaica quando o Senhor fez aliança com seu povo no Sinai. Então, por uma razão muito real, essa aliança foi renovada nas planícies de Moabe. O livro de Deuteronômio reflete essa cerimônia de renovação da aliança. Voltaremos a Von Rad mais tarde, mas neste momento apenas friso esse ponto.

6. Deuteronômio começa como os Antigos Tratados

Agora, o número 6, para fornecer apenas alguns dos detalhes que Kline elabora. Você lerá Kline, então não preciso me alongar muito nisso. Número 6: “O Deuteronômio começa como os antigos tratados”. A página 30 do Tratado do Grande Rei Kline diz: “O Deuteronômio começa precisamente como os antigos tratados começaram: 'Estas são as palavras de.' Essa é a expressão com a qual os tratados abrem.” Você tem expressões muito semelhantes nos documentos do tratado. Então você tem essa semelhança formal. “Deuteronômio começa como os antigos tratados.”

Moisés está falando por Deus; isso fica muito claro. Nesse sentido, o Senhor está falando: “Estas são as palavras que Moisés falou a todo o Israel”. Moisés é o representante teocrático, e é precisamente a questão que Moisés enfrenta: esse representante teocrático, o representante do grande rei. Sua liderança será encerrada pela morte. Portanto, há necessidade de renovação, para que a continuidade da liderança possa ser reconhecida, preparada e perpetuada. Chegaremos a isso em breve. Moisés, então, em certo sentido, é um representante do grande rei. Novamente, essas semelhanças não podem ser atribuídas a qualquer tipo de derivação idêntica. Utiliza uma forma semelhante, uma estrutura semelhante, adaptada por razões e propósitos bastante diferentes e com conteúdos bastante diferentes. Você não quer forçar artificialmente a forma do tratado no material bíblico. É muito melhor tratar o material bíblico com a sua própria integridade, mas, por outro lado, ver que existe uma certa relação.

7. A abordagem de Kline resolve o problema das duas introduções

Número 7: “A abordagem de Kline resolve o problema das duas introduções .” Discutimos isso anteriormente. Vários críticos, em suas análises, chegaram à conclusão de que há duas introduções, e por esse motivo o livro não é uma unidade. Também na página 30, Kline diz: “Um grande problema relativo à unidade de Deuteronomio tem sido a presença de duas introduções, capítulos 1-4 e capítulos 5-11. E tem sido dito muitas vezes que nenhum precisa do outro. Eles parecem ser independentes um do outro.” Mencionei a você o que Noth tentou fazer tomando a primeira dessas duas introduções como a introdução à história Deuteronomica como um todo, indo de Deuteronomio a 2 Reis, e a segunda introdução é a introdução ao próprio livro de Deuteronomio.

Ele diz na página 31: “Mas a visão de Noth e toda tentativa de separar Deuteronomio 1-4 de seu núcleo original são contraditas, e o suposto problema das duas introduções é evitado e a estrutura real é ainda mais esclarecida por esses fatos. Um prólogo histórico segue regularmente o preâmbulo e precede as estipulações dos tratados de suserania. Deuteronomio 1:5-4:49 qualifica-se admiravelmente como um prólogo histórico.” Quando os convênios foram renovados, a história foi atualizada. Agradavelmente, Moisés retoma a narrativa do governo anterior de Yahweh no Sinai, onde a aliança foi originalmente feita, e transporta essa história até o presente, enfatizando os eventos mais recentes: a conquista transjordânica e suas consequências. Em outras palavras, o prólogo histórico se atualiza no momento da renovação.

8. Estipulações

Agora, se você olhar para a estrutura do tratado suserano, você terá o preâmbulo, o prólogo histórico e, em terceiro lugar, as estipulações. Lembre-se de que essas estipulações foram divididas em obrigações básicas e fundamentais; estipulações resumidas ou generalizadas; e depois as estipulações específicas e mais detalhadas. Na terceira divisão estavam as estipulações, e esta é a razão pela qual a terceira divisão em Deuteronomio pode ser identificada com os capítulos 5-26. Von Rad observou que o

item 5-11 acima está incluído, que vem antes como uma pesquisa histórica – é a introdução. Outros, separando os capítulos 5-11 dos 1-4, tomam 5-11 como introdução aos capítulos 12-26. A tese de Kline é: “ Deuteronomio 5-11 deve ser reconhecido como uma exposição do modo de vida da aliança, assim como os capítulos 12-26. Juntos, eles declaram as exigências do suserano. A diferença entre Deuteronomio 5-11 e 12-26 representa um tratamento diferente deste tema. A seção anterior, capítulos 5 a 11, apresenta em termos mais gerais e abrangentes as exigências primárias do Senhor, tanto o seu princípio como o seu programa. A seção posterior acrescenta os requisitos mais específicos entre Deuteronomio e o tratado em pontos mais detalhados, e isso pode abrir novos insights sobre o significado de certas palavras e conceitos que você encontra no livro de Deuteronomio.” A correspondência entre a forma do tratado e o livro de Deuteronomio, nas palavras específicas utilizadas e em certos conceitos retratados, também é uma área onde há muito estudo possível a ser feito.

Kline aponta algumas coisas desse tipo. Uma ilustração, página 24, “maior ênfase nos conceitos da aliança da lei”. A lei é o elemento central nos capítulos 5 a 26 de Deuteronomio – as estipulações. “A maior ênfase no contexto pactual da lei sublinha a continuidade essencial na função da lei no Antigo e no Novo Testamento.”

Agora acho que há um ponto que deveria ser elaborado aí. Mas na estrutura do tratado você tem o grande rei que pratica certos atos beneficentes para o vassalo, com atos de graça envolvidos. A resposta do vassalo será de agradecimento, o que seria uma das exigências das estipulações. Suponho que também existam certas sanções que reforçam essa obrigação. Mas você poderia dizer que a graça precede a lei no sentido de que em Deuteronomio Deus escolheu seu povo; ele redimiu o seu povo, tirou-o do Egito e cuidou dele no deserto. Agora aqui estão suas obrigações. A propósito, essas obrigações devem ser cumpridas com um sentimento de gratidão e amor ao grande rei que tanto fez por eles. Para citar uma ideia do Novo Testamento: “Se você me ama, guarde os meus mandamentos”, como disse Cristo. Há uma certa unidade fundamental no contexto das obrigações da lei que é sublinhada por esta compreensão da estrutura do Deuteronomio e da natureza da aliança.

9. Amor (' ahav) de Deus em Deuteronomio como Dever para com o Suserano

Isso me leva direto ao próximo ponto. Houve um artigo escrito sobre o uso factual do termo ' ahav [amor], “Amor de Deus no Livro de Deuteronomio”. Acho que listei isso em sua bibliografia, sob “Deuteronomio e a Forma do Tratado”, W. L. Moran, “The Ancient Near Eastern Background of the Love of God in Deuteronomy”, no *Catholic Biblical Quarterly*, 25, em 1963. DJ McCarthy, “Notas sobre o amor de Deus na relação Pai/Filho em Deuteronomio entre Yahweh e Israel”, no *Catholic Biblical Quarterly* 27, 1965. É um artigo muito interessante.

Neste livro, DR Hillers, *Covenant: The History of a Biblical Ideal*, ele resume parte desse material na página 152: “O amor de Deus é a ênfase peculiar de Deuteronomio, e é ainda mais notável que o livro conserve alguns das velhas ideias da aliança.” Agora, a ideia de Hiller não é tanto o argumento mosaico; ele se concentra em sua estrutura e acha a linguagem interessante. Ele diz: “O amor é usado de diversas maneiras na história ocidental, e há considerável interesse acadêmico em discriminar as várias espécies de afeto às quais o termo foi aplicado.

O tipo de amor de Deuteronomio é especialmente interessante por duas razões: representa um tipo de amor que é diferente das concepções mais recentes e é a base de muitos outros ensinamentos bíblicos influentes sobre o amor a Deus. O amor em Deuteronomio pode ser comandado. Capítulo 6, versículo 5: 'Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.' Isto significa viver numa relação de adoração e serviço à divindade. Isso é 11:1: 'Amarás ao Senhor teu Deus, guardando as suas observâncias, os seus estatutos e os seus mandamentos para sempre.' Todo o mandamento, 11:22, pode ser resumido assim : ' Ama o Senhor teu Deus e anda em todos os seus caminhos para agradá-lo.' Deuteronomio 11:13 'amar Yahweh' está inseparavelmente ligado a 'servi-lo'. Ouvimos estas palavras tantas vezes que a sua doutrina não parece surpreendente, mas precisamos de nos lembrar que uma teoria do amor – uma influência muito poderosa – sustenta que o dever e o amor são incompatíveis. Aqui eles são quase idênticos.”

Hillers continua: “Foi WL Moran [esse é o artigo que consultamos] “quem identificou a linguagem dos tratados e convênios como o mesmo tipo de concepção do amor de Deus, embora possa haver exemplos anteriores. O primeiro uso comum do amor na linguagem da diplomacia é encontrado na linguagem de El Amarna na relação que existe entre irmãos como parceiros iguais num tratado é o amor.” Nos textos dos tratados você consegue acordos entre irmãos, ou parceiros iguais, e o relacionamento é de amor. “Que meu irmão preserve o amor por mim dez vezes mais do que seu pai; continuaremos amando meu irmão com fervor”, das cartas de Amarna.” Este amor não é apenas um sentimento entre parceiros iguais, mas é a forma como o Faraó considera o seu vassalo. Isso também está nas cartas de Amarna. “Se o rei, meu senhor, ama seu servo fiel, deixe-o mandar de volta os três homens”, isso é de algum vassalo. “Acima de tudo, é a forma como os vassalos deveriam considerar o seu senhor. Amar é igual a ser servo. 'Meu senhor, assim como eu amo o rei, meu senhor, o mesmo acontece com o rei Hapi , todos esses reis são servos de meu senhor.

No tratado de Esarhaddon, o amor é ordenado como um dever para com o suserano: “Você amará Assurbanipal como a si mesmo”. Não vou abordar muito o restante do material; você pode ler o artigo, mas tudo se resume a que o amor nos textos do tratado se torna sinônimo de obediência. Quando você ama o Senhor, você obedece às estipulações. Então esse amor pode ser comandado. Você deve amar o Senhor. Você deve obedecer às estipulações onde seu amor é demonstrado nisso.

Há muitas ilustrações desse tipo de coisa onde você encontra uso semelhante de palavras em documentos de tratados que lhe dão alguma visão sobre grande parte do material bíblico. Agora, novamente, você não quer ler todo o material bíblico sob o controle total de material extra-bíblico, mas material extra-bíblico - no que diz respeito a formas de pensamento e esse tipo de coisas que existiam na época em que os documentos se originaram - -ajudar você a entender as conotações do significado que encontramos no material bíblico. Existem muitas semelhanças na linguagem, no conceito e em pontos específicos que podem ser apontadas nos textos dos tratados e encontradas também no Deuteronômio. Agora, você notará mais disso à medida que

avancamos no curso. Mas esta é outra área onde já existe muito trabalho feito e muito mais trabalho que pode ser feito.

D. A Forma da Aliança no Antigo Testamento e suas implicações históricas

1. O Sitz im Leben [Situação de Vida] da Forma da Aliança e do Histórico

Implicações do cenário

Gostaria de passar agora para um novo título, “C, só para revisar; para obter continuidade: “Meredith Kline, fazendo uso de uma abordagem crítica da forma que honra a integridade do livro, colocou uma nova perspectiva sobre a natureza da estrutura do Deuteronômio, que por sua vez teve implicações para a interpretação e a data.”

Vimos qual era sua tese básica e quais eram suas ideias fundamentais. Agora “D :” “ A forma da aliança no Antigo Testamento e sua implicação histórica – o estado atual das coisas no debate sobre Deuteronômio.” Número 1 em D: Usarei este termo técnico: “O sitz im leben [situação na vida] da forma de aliança e as implicações históricas do cenário”. Há um consenso generalizado, praticamente generalizado, de que a forma da aliança é uma característica literária discernível e importante do Antigo Testamento. Isso surgiu nos últimos dez a quinze anos, mas há um consenso geral de que é discernível e está presente no Antigo Testamento. O nexa tratado-aliança pode ser encontrado sem debate em Êxodo 24 no Sinai e há atualmente um acordo universal de que ele é encontrado em Deuteronômio. É encontrado em Josué 24 e em inúmeras outras passagens. Portanto, existe esse acordo em grande escala da forma da aliança e é uma importante característica literária do Antigo Testamento. Não existe, no entanto, nenhum acordo correspondente sobre a origem deste fenômeno e, portanto, sobre as implicações históricas que podem ou não ser retiradas da sua presença. Admite-se que ela existe, mas não há acordo correspondente sobre a origem da forma e, portanto, sobre as implicações históricas que podem ser extraídas da sua presença. Há uma tentativa feita, por exemplo, por Kline e outros de extrair implicações históricas da presença da forma. Eles sabem que existe, mas o que vamos fazer com isso? Que conclusões você pode tirar disso?

a. C. Baltzer

Alguns resistem a tirar conclusões históricas desta presença reconhecida da forma. Por exemplo, não é tão importante, mas quero apenas dar uma ideia das diversas posições. Existe um livro chamado *The Covenant Formulary*, de Claus Baltzer. É um livro que traça a ocorrência da forma da aliança em todo o Antigo Testamento, passagem por passagem. Nesse livro, na página 49, ele comenta o artigo original de Mendenhall. Lembre-se de que Mendenhall é quem inicia toda esta discussão com seu artigo sobre “A Lei e a Aliança e o Antigo Oriente Próximo”. Mendenhall iniciou toda essa discussão. Depois de comentar o artigo de Mendenhall, Baltzer diz sobre Mendenhall: “Ele está mais interessado em questões históricas do que no presente trabalho, que se limita à abordagem crítica da forma. Sem dúvida, outras conclusões na esfera histórica podem ser tiradas com base neste formulário, mas considero metodologicamente perigoso reunir prematuramente ambos os conjuntos de questões.” Ele resiste a avançar em direção a conclusões históricas extraídas da presença da forma. Um estudioso católico romano revendo a obra de Baltzer, *The Covenant Formulary*, diz: “Baltzer insiste o tempo todo na separação entre a forma de investigação crítica e a historicidade do narrador do episódio. Ele é reservado em assuntos históricos. Desta forma, Baltzer evita conclusões precipitadas.” É decepcionante que Baltzer se recuse a tirar conclusões históricas. Baltzer não está disposto a oferecer um momento definido ou conclusões em relação à origem desta forma.

b. DJ McCarthy

DJ McCarthy, num artigo que analisa um livro alemão, diz sobre esta analogia entre tratado e pacto: “Sem dúvida, muito tem sido reivindicado pela analogia, e dela foram extraídas conclusões históricas especialmente ilegítimas.” Ele diz: “Ainda assim, isso não invalida a evidência de que existe uma analogia”. A analogia existe, mas ele se recusa a tirar quaisquer conclusões históricas. O que estou tentando enfatizar neste momento é que eles resistem a tirar quaisquer conclusões históricas com base em formas literárias.

Deve-se ter cuidado ao utilizar o método crítico da forma para tirar conclusões historicamente confiáveis, porque é precisamente nesta área que tem havido teorias tão selvagens que se opõem à origem da forma da aliança, e há uma enorme subjetividade que pode estar envolvida nisso. todo o processo. Portanto, cautela é necessária aqui. No entanto, a presença de uma determinada forma, e dos seus elementos, pressupõe um cenário histórico que deu origem à forma em questão. Se você tem uma forma literária de um tipo específico e definível, essa forma pressupõe um certo cenário que deu origem à forma em questão.

c. Formas Literárias e Contextos Históricos

Você tem um anúncio, por exemplo. Você sabe de onde isso vem por causa do tipo de literatura que o utiliza. Assim, as formas literárias pressupõem certos tipos de cenários históricos. E é fácil localizar a forma, mas será possível determinar o cenário histórico que está por trás dela? Assim, a tentativa criteriosa de delinear um cenário para uma forma particular pode ser um esforço útil. E eu acho que no caso da forma da aliança, você tem esta forma no Antigo Testamento, e a questão de quando e como ela foi adotada em Israel é uma questão de significado fundamental. Se você evitar a questão de quando e como ela entrou em Israel, você empobrecerá o estudo da forma. Talvez possamos procurar indicações do significado da forma se não sabemos de onde ela veio. Portanto, a questão da origem está certamente em ordem e tem um grande significado. A origem e a adoção desta forma em Israel são significativas.

Em muitos casos, o destino da situação é encontrar uma forma particular puramente hipoteticamente baseada na imaginação de um determinado estudioso, sem nenhuma evidência. Isso está errado, pois se baseia em poucas evidências e é totalmente hipotético. Eu acho que você tem que ter muito cuidado com isso. Mas, por outro lado, dada a forma e a sua presença palpável no texto, de onde veio essa forma? Qual é a explicação da origem? Qual situação da vida é a melhor explicação para sua adoção? Quando na história de Israel haveria uma situação que daria origem a tal forma que teve uma influência tão enorme em toda a história da nação? É uma área de estudo

interessante e há muitas evidências na própria Bíblia, bem como em dados extra-bíblicos.

a. A Natureza da Forma de Aliança e Sua Origem

Sob esta questão, então, “1”, “O sitz im leben [situação na vida] da forma da aliança e as implicações históricas do cenário”. “A” minúsculo, “A natureza da forma da aliança e sua origem”. Surge a pergunta: é cútico ou profético em termos de sua origem? Essa se torna uma questão significativa, especialmente se você olhar para von Rad, que vê isso como algo de culto e cerimonial. Bem, nosso tempo acabou, continuaremos lá na próxima vez.

Transcrito por Ted Hildebrandt

Editado pelo Dr.

Renarrado pelo Dr.